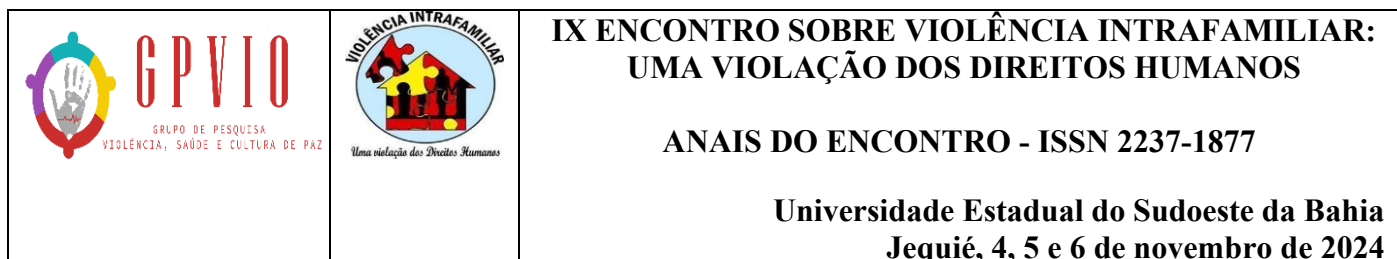


Trabalho Original e Revisão de Literatura – integrativa, de escopo e narrativa



NOTIFICAÇÕES DE VIOLÊNCIA INTERPESSOAL NA POPULAÇÃO JOVEM DO ESTADO DA BAHIA

Felipe Gonçalves Rocha Santana¹
Anderson Jambeiro de Souza²
Adriana Alves Nery³

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2002, conceituou a violência como o uso deliberado de força física ou poder, seja por meio de ações ou ameaças, dirigidas contra si mesmo, outras pessoas, grupos ou comunidades. Dessa maneira, essa definição abrange qualquer ato que cause ou tenha o potencial de causar ferimentos, danos psicológicos, morte, interferência no desenvolvimento ou privação.

Minayo e Deslandes (2007) enfatizam que a violência é um tema complexo e multidimensional que atravessa diversas áreas do conhecimento e reflete uma preocupação global, já que está profundamente enraizada em aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos.

Dentre as definições e classificações dos variados tipos de violência, a OMS caracteriza a violência interpessoal como aquela que ocorre entre familiares, parceiros íntimos, amigos, conhecidos e até mesmo entre estranhos (Fiorini; Bockel, 2021). Nesse contexto, Fiorini e Bockel (2021) mencionam ainda que a violência interpessoal é dividida em dois subtipos, de acordo com os agressores envolvidos: intrafamiliar ou entre parceiros íntimos, e comunitária. A violência intrafamiliar ou entre parceiros íntimos geralmente acontece no âmbito doméstico, mas não se limita a esse local. Em contrapartida, a violência comunitária refere-se a agressões entre indivíduos sem laços familiares, que podem ou não se conhecer, sendo comum ocorrer fora do ambiente residencial.

¹ Acadêmico do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica CNPq. E-mail: felipesantana27@gmail.com.

² Cirurgião-dentista. Doutorando em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: anderson.souza@ifbaiano.edu.br.

³ Enfermeira. Doutora pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo- USP, docente do Departamento de Saúde II e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: aanery@uesb.edu.br

No contexto brasileiro, Cordeiro e Girianelli (2023) apontam que a violência tem se manifestado de formas variadas e cada vez mais frequentes, especialmente entre jovens, demonstrando um crescimento significativo nos registros de violência envolvendo a população feminina jovem, o que evidencia a necessidade de compreender esse fenômeno dentro de suas múltiplas dimensões e fatores sociais, culturais e históricos.

Objetivo

Descrever o perfil dos casos de notificação de violência interpessoal na população jovem do estado da Bahia.

Métodos

Trata-se de um estudo descritivo, de delineamento temporal, do tipo ecológico, que teve como aporte metodológico os dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) coletados eletronicamente por meio do TABNET sendo este um tabulador de domínio público do Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (SUS) - DATASUS. Diante disso, foram considerados todos os casos notificados de violência interpessoal na população jovem do estado da Bahia, registrados no período entre janeiro de 2013 e dezembro de 2023.

O *locus* da pesquisa, o estado da Bahia, conforme o último censo demográfico realizado em 2022, possui população total de 14.141.626 pessoas, com uma densidade demográfica de 25,04 habitantes por km² em seu respectivo território conforme descrito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023).

Para caracterizar as notificações de violência, foram selecionadas variáveis sociodemográficas das vítimas, como faixa etária (15 a 19; 20 a 29 anos), sexo (masculino e feminino) e raça/cor da pele (branca, preta, parda, amarela e indígena). Além disso, foram analisados aspectos relacionados às características da violência, incluindo o tipo de violência, meio de agressão e local de ocorrência.

Os dados coletados foram exportados, organizados e analisados com o subsídio do software Jamovi versão 2.3.28, empregando-se a estatística descritiva para os cálculos de frequências absoluta e relativa.

Resultados e Discussão

Verificou-se a ocorrência de 32.571 notificações de violência interpessoal na população jovem do estado da Bahia. No período avaliado, evidenciou-se que o ano de 2023 apresentou o maior número de registros (n=4.818; 14,8%) e o ano de 2020 o menor (n=2.253; 7,0%), representando um crescimento de 7,8% no número absoluto de notificações de violência para o período analisado.

Esse aumento significativo no número de notificações pode ser correlacionado a diversos aspectos. Segundo Aragão *et al.* (2020), esse fenômeno pode ser atribuído a uma combinação de fatores sociais, psicológicos e culturais. Reforçando esta complexidade, Oliveira *et al.* (2019) destacam que a desigualdade socioeconômica e a desestruturação familiar contribuem para a vulnerabilidade dessa população, enquanto o aumento de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, frequentemente sem o devido acesso a apoio psicológico, agrava ainda mais a situação.

O menor número de notificações de violência interpessoal em 2020 pode ser explicado em parte pelas consequências do confinamento durante a pandemia de COVID-19. Dessa maneira, as vítimas, muitas vezes confinadas em domicílio com seus agressores, encontraram dificuldades para denunciar, devido ao medo, vigilância constante do parceiro, e a limitação de acesso a redes de apoio e canais de denúncia.

Em relação às variáveis sociodemográficas das vítimas, observou-se mais notificações de indivíduos do sexo feminino (n=21.378; 65,6%) do que masculino (n= 11.177; 34,3%). Quanto à faixa etária, houve predomínio de notificações nas idades de 20-29 (n= 18.718; 57,4%). Em relação a variável raça/cor da pele, o maior quantitativo de registros se deu na população parda (n= 16.181, 49,6%). Percebeu-se que os dados sobre as vítimas revelam uma disparidade marcante entre os sexos, confirmando achados de pesquisas científicas na literatura que apontam as mulheres como as principais vítimas de violência, apesar de campanhas e legislações de proteção. Nesse contexto, Aragão *et al.* (2020) acrescentam que essa situação reflete questões culturais de gênero profundamente enraizadas nas dinâmicas familiares, além de influenciar a emergência de formas específicas de violência, como as lesões autoprovocadas.

Com relação à raça/cor da pele, Oliveira *et al.* (2019) destacam que a predominância racial pode variar com base nas particularidades demográficas de diferentes regiões do Brasil. Porém, muitos estudos científicos, como o de Grosz e Rodriguez (2021) revela que mulheres pardas e pretas frequentemente representam o grupo com maior prevalência de violência.

No que diz respeito às variáveis relacionadas às características da violência, ao analisar os tipos de violência, o estudo revela uma predominância da violência física (n= 29.062; 89,2%). Quanto aos meios de agressão, o uso da força corporal e espancamento foi o mais reportado (n=18.925; 58,1%), seguido pelo uso de objetos perfurocortantes (n= 5.289; 16,2%). Quanto ao local de ocorrência, a residência da vítima foi o local mais frequente dos episódios (n=11.812; 36,2%), seguida pela via pública (n=9.532; 29,2%).

Considerando este cenário, percebe-se que a violência ocorre majoritariamente no ambiente domiciliar da vítima. Com relação a esse aspecto, Cordeiro e Girianelli (2023) destacam que a maior vulnerabilidade das vítimas, combinada com o prolongado tempo de exposição a esse ambiente, favorece a repetição dos episódios, resultando na cronicidade e agravamento das agressões. Da mesma forma, Sousa, Santos e Antonietti (2021) mencionam que a invisibilidade histórica desse tipo de violência, que se desenvolve em espaços privados, é um fator crítico, no qual o “silêncio” que envolve tais situações, motivado pelo medo de ameaças e represálias, torna-se um traço marcante, dificultando a intervenção de terceiros.

Em referência ao tipo mais notificado de violência interpessoal, uma maior prevalência da violência física pode estar associada à concepção de que a agressão é, em sua essência, uma manifestação predominantemente corporal. Notoriamente, as vítimas são frequentemente expostas a diversas formas de violência de maneira concomitante, uma vez que os episódios de agressão raramente ocorrem de forma isolada, refletindo a complexidade dessas situações (Fiorini; Bockel, 2021). Quanto ao meio de agressão, Fiorini e Bockel (2021) explicam que o meio empregado para execução da agressão é um fator a ser analisado para entender como a violência se manifesta. A utilização de força corporal/espancamento foi o método mais prevalente, fato que corrobora com os achados de Souza *et al.* (2021).

Conclusão

O estudo sobre o perfil dos casos de notificação de violência interpessoal e autoprovocada na população jovem do estado da Bahia, entre os anos de 2013 e 2023, revelou que a maior prevalência desses casos de violência ocorreu entre pessoas do sexo feminino, com idade entre 20 e 29 anos e da raça/cor de pele parda. Além disso, os registros mostram maior frequência de casos em ambiente doméstico, com violências físicas por meio de força corporal/espancamento.

Diante destes achados, ressalta-se a importância de aprofundamento de discussões a respeito do aprimoramento do aparato legal e das ações de proteção contra a violência interpessoal principalmente entre pessoas com o perfil mais prevalente nesta pesquisa. Campanhas e ações de proteção à vida, que esclareçam as diversas formas de violência e que

incentivem as denúncias dos casos, são cruciais. Destaca-se a necessidade de fortalecimento da rede de proteção social, assegurando que as vítimas tenham um acesso facilitado a serviços de apoio. E, por fim, salienta-se a necessidade de ações de educação permanente em saúde para trabalhadores da saúde, a fim de promover a identificação precisa de sinais de agressão, além da notificação e da intervenção precoce dos casos de violência.

Descritores: Notificação. Epidemiologia. Violência interpessoal.

Eixo Temático: A saúde coletiva no enfrentamento da violência

Referências:

ARAGÃO, Conceição de Maria Castro de; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros; RODRIGUES, Malvina Thaís Pacheco; ANDRADE, Jesusmar Ximenes. Mulheres silenciadas: mortalidade feminina por agressão no Brasil, 2000-2017. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 44, n. 1, p. 55-67, 2020.

CORDEIRO, Georgia Thais Lima; GIRIANELLI, Vania Reis. Notificação de violência autoprovocada e interpessoal da população LGBT, estado do Rio de Janeiro, 2015-2021. **Revista Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 47, n.1, p. 1-16, 2023.

FIORINI, Vanessa Russi; BOECKEL, Mariana Gonçalves. Violência interpessoal e suas repercussões na saúde em um hospital de pronto-socorro. **Psico-USF**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 129-140, 2021.

GRÖSZ, Jordana; RODRIGUEZ, Sandra Yvonne Spiendler. Relação entre violência interpessoal e discriminação: retrato de uma cultura de ódio. **Aletheia**, Canoas, v. 54, n. 2, p. 112-122, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2022: Resultados Preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. DESLANDES, Suely Ferreira. **Análise diagnóstica da política nacional de saúde para redução de acidentes e violências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **World Report on Violence and Health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

OLIVEIRA, Caio Alves Barbosa de; ALENCAR, Lucas Noronha de; CARDENA, Rebeca Ribeiro; MOREIRA, Kátia Fernanda Alves; PEREIRA, Priscilla Perez da Silva; FERNANDES, Daiana Evangelista Rodrigues. Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia – Brasil. **Revista Cuidarte**, Bucaramanga, Colombia, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2019.

SOUZA, Isabela Teles de; PASSOS, Taciana Silveira; ALMEIDA, Lucas Marianni; ALMEIDA-SANTOS, Marcos Antonio. Perfil epidemiológico da violência interpessoal no Brasil entre 2015 e 2019. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 16, p. 1-8, 2021.

SOUSA, Ildenir Nascimento; SANTOS, Fernanda Campos dos; ANTONIETTI, Camila Cristine. Fatores desencadeantes da violência contra a mulher na pandemia COVID-19: Revisão integrativa. **REVISA**, Valparaíso de Goiás, v. 10, n. 1, p. 51-60, 2021.